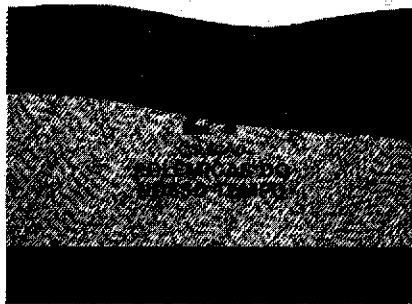


## DA MISTIFICAÇÃO DA ESCOLA À ESCOLA NECESSÁRIA, de Neidson Rodrigues

Neidson Rodrigues

### DA MISTIFICAÇÃO DA ESCOLA À ESCOLA NECESSÁRIA



RODRIGUES, Neidson. *Da mistificação da escola à escola necessária*. São Paulo, Cortez, 1987.

O novo livro do professor Neidson Rodrigues tem um mérito inicial, o de trazer à discussão a escola de 1º e 2º graus, esquecida em função da problemática universitária, que é considerada prioritária pelas lideranças de professores, educadores, administradores e políticos, talvez por julgarem-na de maior importância para a vida do país. Um

equivoco evidente, pois a escola é uma só, da primeira série à pós-graduação e, como muito bem acentua o autor, "com um processo educativo frágil, esquelético e desmoralizado não há como se esperar pela produção de uma cultura forte, capaz de promover a transformação social", uma vez que não seremos salvos pelo "Grande Homem", mas pela vontade e determinação dos homens comuns.

No processo educativo global, a base é que está a reclamar maiores atenções nessa fase de transição da escola como instituição. Pésimos salários descorçoam o professorado, que se transforma numa massa informe, indiferenciada, não comprometida politicamente com a sua tarefa de educadores, sem consciência da responsabilidade que lhes foi confiada. Esmagados pela necessidade de sobreviver, os professores não têm tempo, ou já desistiram de renovar diariamente seu compromisso com o ato educativo. A falta de comprometimento prejudica a preparação técnica e, relembra-nos o autor, "não podemos ter a ilusão de que os professores a partir de um determinado momento estão preparados. Nenhum professor está preparado. . ."

A luta parece já estar perdida: os cursos de preparação dos professores de 1º e 2º graus de nossas universidades já não conseguem recrutar alunos capacitados, e uma delas, pelo menos – a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – suspendeu os cursos de licenciatura por insuficiência de candidatos qualificados. Fecha-se assim o ciclo: a escola de 1º e 2º graus já não forma adequadamente seus alunos e a

universidade não forma professores capazes de soerguer a escola básica.

Não fosse o radicalismo que abrange o próprio autor, ou abrangia até o governo passado, talvez pudéssemos repetir uma frase demolidora da "advertência desafiadora" da orelha do livro para explicar o estado a que chegamos: "é assustador constatar que mesmo as lideranças políticas, os administradores, os planejadores e líderes dos movimentos de professores e educadores no Brasil exibem uma pobreza crônica em relação ao fenômeno educativo". É hipérbole demais, mas o livro pretende chocar para discutir, pretende ser instigador. . .

Talvez a causa esteja, como frisa o professor Neidson Rodrigues, no estabelecimento de metas para a educação q.ª não podem ser cumpridas, seja atribuindo-lhe a característica de instrumento de salvação nacional ou considerando-a como uma tábua de salvação individual e um trampolim para o sucesso social. A escola tende a converter-se em falsidade "se não concorre para que o educando compreenda o mundo dividido, suas contradições, as forças sociais em luta, o desejo de poder que governa as relações entre os homens e o mascaramento dos interesses pela mistificação da linguagem. Só a compreensão dessa 'realidade' abrirá ao educando a possibilidade de se tornar um cidadão crítico e consciente, isto é, capaz de analisar a realidade social e assumir o seu papel como sujeito histórico." Preparar para a vida, como já dizia o velho Dewey, e como preconizam todas as nossas reformas de ensino.

Esse cidadão crítico e consciente que derrubará ideologias – pois o real é histórico, não natural, e a história é vivida pelos homens – não poderá ser moldado através de conteúdos formalizados e relativos a disciplinas específicas. “Há de se assumir que o desenvolvimento da consciência crítica se faz pelo conhecimento, análise e ação sobre a realidade vivida e isso não é propriedade de nenhum conteúdo em particular, nem responsabilidade que pode ser subdividida no processo pedagógico.”

Para isso, é preciso criar um novo professor, um novo currículo e uma nova metodologia, principalmente. Um professor que não se atenha a uma só disciplina, currículos flexíveis e intercambiáveis, e uma metodologia que faça com que plano e trabalho pedagógico sejam concomitantes e correlatos.

Além disso, a escola terá de ser democrática, não apenas nos processos administrativos, na oferta de oportunidade e nos processos pedagógicos, mas, sobretudo, na recuperação da dimensão política da educação. “A sociedade deve dizer qual é a educação necessária para ela e para todos os seus setores. A sociedade deve dizer qual é a educação que ela deseja para seus filhos; qual a função que a escola deve desempenhar na prática educativa das crianças; qual o tipo de homem que a sociedade deve esperar daqueles que estão passando pela escola.”

Pode ser que – como avisa o autor, que não pretende ser original – o livro às vezes dê a impressão de apenas repetir o “já falado”, mas sua oportunidade advém do fato de que o que está proposto ainda não foi realizado. A colocação das questões fundamentais da educação de hoje em linguagem simples, de modo a permitir sua ampla discussão por professores, administradores, alunos, e por todos os segmentos da sociedade é, a meu ver, a principal característica do livro, que merece ser divulgado, discutido, polemizado, pois, em sua tentativa de apresentar uma escola nova, ele não busca aplausos de assembleias politizadas: pretende ser um instrumento cuja crítica consciente conduza de alguma forma à transformação de nossas instituições escolares.

O professor Neidson Rodrigues precisa ser ajudado nessa tarefa que é de todos nós.

Líliã Maria Gardenal da Silva Pereira  
Professora da FAE/UFMG

## **EDUCAR VIVENDO: O CORPO E O GRUPO NA ESCOLA,**

**de Suzana V. Cabral,  
Avani A. X. Lanza  
e Marisa E. S. Tejera**

CABRAL, Suzana V.; LANZA, Avani A. X. e TEJERA, Marisa E. S.

Haveria na escola um espaço para a dimensão corporal, compreendida como linguagem e expressão criadora dos alunos sujeitos a seu processo de aprendizagem?

Como seriam articulados o conteúdo pedagógico e os recursos didáticos numa proposta que incluísse essa dimensão corporal, partindo do desejo de conhecimento do aluno?

Seria possível pensar uma escola como algo mais que um agrupamento eventual dos diversos segmentos que a compõem (educadores, alunos, pais, funcionários, etc.)?

São estas as perguntas que as autoras Suzana, Avani e Marisa tentam responder ao relatar sua experiência como assessoras do Projeto Movimento, da Diretoria de Educação Especial de Minas Gerais – DEE, no livro *Educar vivendo – O corpo e o grupo na escola*, que apresenta uma nova proposta de educação especial.

Trata-se de uma experiência de trabalho multidisciplinar – envolvendo as áreas da Psicomotricidade Relacional, Pedagogia e Análise Institucional – desenvolvida em classes especiais do ensino regular e de escolas especiais para diferentes deficiências, no período de outubro de 1984 a dezembro de 1986.

O livro abre uma discussão teórica sobre os momentos atuais das três áreas mencionadas e a possibilidade de que elas apresentem uma nova abordagem para a questão da educação

Suzana Veloso Cabral  
Avani Avelar X. Lanza  
Marisa Estela  
S. Tejera



**EDUCAR VIVENDO:**  
o corpo e o grupo  
na escola

especial. Relatando os “momentos livres” e os “momentos pedagógicos” vividos pelos alunos das diferentes turmas atendidas pelo Projeto, as autoras mostraram a efetivação dessa nova prática em educação.

Partindo da vivência psicomotora, da exploração pedagógica do vivido e da compreensão do grupo em seu processo de crescimento, delineia-se a dinâmica do projeto, surgem e são discutidas as vicissitudes institucionais, e apresentam-se os resultados da reatualização da experiência.

Um outro aspecto abordado no livro diz respeito ao processo de formação da equipe técnica da D.E.E. e da escola como espaço de aprimoramento e discussões, imprescindível para a execução do trabalho.

Relembrando a própria fala das autoras, “essa produção em comum situou-se num contexto, num momento específico: tem uma história. No entanto, de um lado, ela revela a possibilidade de unir três dimensões – psicomotora, pedagógica e institucional – e de tentar viabilizar projetos inovadores na área educativa, podendo, de outro, suscitar a reflexão de grupos que se disponham a empenhar-se em novos projetos educacionais”.

Os educadores em busca de novas alternativas de trabalho encontrarão nesse livro, cuja segunda edição (revisada e ampliada) será lançada em breve pela Artes Médicas, subsídios para suas reflexões.

Vera Maria Carneiro Calixto  
Psicóloga da Diretoria de Educação  
Especial/SEE